

México visto por antropólogos brasileiros

México, miradas antropológicas desde Brasil



Roberto Lima e Mariano Báez Landa (org.)

Cegraf UFG

México visto por antropólogos brasileiros

México, miradas antropológicas desde Brasil

Organizadores

Roberto Lima

Mariano Báez Landa



Cegraf UFG

© Roberto Lima; Mariano Báez Landa (org.), 2022

© Cegraf UFG, 2022

Projeto gráfico e diagramação

Géssica Marques de Paulo

Capa

Raquel Araújo Fróes

Fotografia de capa

Prof. Alexandre Herbetta

Revisão

Ana Godoy

Autores

Roberto Lima (UFS)

Mariano Báez Landa (CIESAS)

Pablo Quintero (UFRGS)

Marcos H.B. Ferreira (UFG e PUC-Goiás)

Juliana Leal (UnB)

Larissa Neves (UFG)

Miguel Alves de Souza (UFG)

Thais Luz (UFG)

Marcio D’Olne Campos (UNICAMP/
Projeto SULear)

Carlos Rodrigues Brandão (UNICAMP)

Suely Kofes (UNICAMP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

M479 México visto por antropólogos brasileiros = México, miradas
antropológicas desde Brasil [Ebook] / organizadores Roberto Lima,
Mariano Báez Landa. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). - Goiânia :
Cegraf UFG, 2022.

il- (Coleção diferenças)

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade
Federal de Goiás.

Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, UNICAMP.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-495-0645-0

1. Antropologia. 2. México - civilização. 3. Diplomacia – Brasil e México
.4. México- indígenas . I. Lima, Roberto. II. Landa, Mariano Báez. III.
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal
de Goiás. IV. Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira, UNICAMP. V. Coleção.
CDU: 39(72)

Bibliotecária responsável: Joscane Pereira / CRB1: 2749

TERCEIRA PARTE

INDO E VINDO: POVOADOS, PESSOAS E
LUGARES DE CRESCER, VIVER, PASSAR,
FICAR VIVO E FICAR MORTO: EVOCAÇÕES,
ENCONTROS E REENCONTROS

MÉXICO: UMA FORTE PRESENÇA

Marcio D'Olne Campos¹

Minhas primeiras referências ao México vêm da minha infância e adolescência em Petrópolis (RJ) com a ajuda de meu pai que sempre estimulou e me acompanhou na busca complementar de informações em nossas atividades. Ele e eu gostávamos muito de música e cinema. Enveredar-nos pela *Encyclopaedia Britannica* após um filme era uma prática constante. Desse modo, dois personagens que sempre estiveram presentes nos anos 1940 e 1950 foram Libertad Lamarque (atriz e cantora argentina radicada no México) e Mario Moreno (Cantinflas), comediante extraordinário cujos filmes e sua calça quase caindo muito me divertiam. Por aí também curtia a diva Maria Felix (beleza de atriz e cantora) e Augustin Lara, enveredando pelo bolero² e o *danzón*.³ Isso sem contar minha empolgação com a Revolução Mexicana e o General Pancho Villa no cinema (ver Bragança, 2016 e Gonçalves Jr, 2015).

O curioso é que, em relação ao México, houve um hiato no qual, à exceção de algumas referências esparsas, vim a me

1 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Proposta SULear (SULear).

2 “Dois ritmos dominam a cena musical brasileira em 1949: o baião e o bolero (e, por extensão, vários ritmos latino-americanos), este último alavancado pelo esmagador sucesso que o cinema mexicano fazia no Brasil...” (“Baião X Bolero”, blog ‘Década de 50’). Disponível em: <http://decadade50.blogspot.com.br/2006/10/baio-x-bolero.html>. Acesso em: 17 jul. 2021.

3 *Danzón*. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Danz%C3%B3n>. Acesso em: 17 jul. 2021.

aproximar muito mais desse país durante minha vida acadêmica já na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, a partir de 1993, quando me transferi do Departamento de Física para o Departamento de Antropologia, sobretudo em 1994, quando chegaram do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (Ciesas) – Golfo de Veracruz (México), para desenvolver seus doutorados, dois antropólogos, os quais perduram como muito queridos amigos: Mariano Baez Landa e Martha Patricia Ponce Jiménez. Acompanhando-os, vinha também sua querida filha, Mariana Baez Ponce, que hoje é mestre em Ciências de Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural, utilizando-se de meios audiovisuais para divulgar seus trabalhos.⁴

Nessa época, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira ou RCO (1928–2006) – como era respeitosamente referido na comunidade de antropólogos – havia criado, no Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp, a área Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber, na qual ingressei pouco depois de minha transferência oficial para a antropologia.

O ingresso de Roberto Cardoso de Oliveira na Unicamp, em 1985, permitiu também a ampliação do debate, dado seu interesse próprio de pesquisa sobre a antropologia em “países periféricos”. Desse encontro de interesses, aliado ao de outros colegas, surgiu urna área de pesquisa e ensino (Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber), no âmbito do então recém-criado doutorado em ciências sociais.⁵

4 Hoje, encontra-se, por exemplo, ‘Mariana Báez Ponce/medios visuales para el cambio social/Coatepec, México’. De *LaBrújulaQueLate*, 2 marzo 2015, Entrevista. Disponível em: <https://labrujulaquelate.wordpress.com/2015/03/02/mariana-baez-ponce-medios-visuales-para-el-cambio-social-coatepec-mexico/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

5 História da Antropologia No Brasil - Projeto da Unicamp, coordenado por Mariza Correa (1945-2016), antropóloga que deu excelente contribuição para uma história da antropologia no Brasil, além de sua – não menos importante – dedicação ao estudo e à pesquisa nas questões do Núcleo de Estudos de

Com relação, sobretudo, à antropologia, já vinha se fortalecendo desde a década de 1970 uma frutífera colaboração Brasil-México por iniciativa do próprio RCO e de Guillermo Bonfil (1935-1991) – um dos fundadores do Ciesas em 1973.

Quando do lançamento da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira (CRCO- Ciesas-Unicamp), em 2007, na Unicamp, essa colaboração foi lembrada:

Ao longo do último meio século, tem-se desenvolvido um relacionamento forte entre as antropologias e entre antropólogos brasileiros e mexicanos. Na década de 1970, quando foi fundado o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social (CIESAS), Guillermo Bonfil e Roberto Cardoso de Oliveira estreitaram a relação iniciada nos anos de 1960, impulsionando o intercâmbio de professores e estudantes. Dessa forma, nas duas décadas seguintes, vários pesquisadores do CIESAS visitaram o Brasil e vários brasileiros se formaram no México. (Acosta; Cardoso de Oliveira, 2012, p. 10).

192

Por sugestão de RCO, responsabilizei-me pela recepção e organização de uma disciplina ministrada por um ilustre visitante catalão, Claudí Esteve i Fabregat (1918-2017), que viveu uma longa e importante trajetória mexicana, a qual deixou marcas profundas no México e nele próprio: Fabregat, escapando do franquismo, viveu exilado no México de 1939 a 1956.⁶

A disciplina oferecida por Fabregat em 1996, com muito brilhantismo e camaradagem, versou sobre “Relações entre etnias e

Gênero Pagu disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/pt-br/o-pagu>. Para a História da Antropologia, ver <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RHW-CbdhWpHfpX4YHHYvWBff/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 17 jul. 2021.

6 No México, “Allí tuvo diversas ocupaciones (desde vendedor de artículos textiles hasta jugador profesional y entrenador de fútbol). En 1947 ingresó en la Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH) de Ciudad de México, donde se graduaría en 1954. En la ENAH fue alumno de Pere Bosch i Gimpera y Juan José Comas Camps.” Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Claudio_Esteve_Fabregat. Acesso em: 17 jul. 2021.

estados-nação”. Foi um momento importante de aulas, seminários e atividades de orientação, sempre complementadas por encontros sociais e conversas muito agradáveis. Entre outros textos seus, o que serviu de base foi *Estado, etnicidad y biculturalismo* (1984).

Para falar mais diretamente do México – ainda que distanciado, ou remoto –, nesse mesmo ano de 1996, eu fazia parte de um grupo de pesquisadores em etnociência e seus derivados disciplinares como a etnoecologia e a etnoastronomia, com a qual eu trabalhava. Durante o I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia, em Feira de Santana (Bahia), fundamos a Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE). Estávamos liderados por nosso querido e saudoso Darrell Addison Posey, antropólogo e biólogo que, durante mais de dez anos, antes de nos deixar, dedicou-se, na Universidade de Oxford, aos Direitos de Propriedade Intelectual de Populações Nativas (Posey; Plenderleith, 2002, 2004). Como não podia faltar num encontro envolvido com a etnoecologia, lá estava o México, muito bem representado por Victor Toledo Manzur, amigo que sempre demonstrou autoridade e competência nesse campo, tendo fundado o excelente periódico *Etnoecológica*.⁷

7 Em 1992, “Etnoecológica surge del compromiso de un grupo de personas interesadas en la construcción de un mejor entendimiento de la co-evolución entre los pueblos del mundo y sus entornos, a través de una ciencia integrativa, interdisciplinaria e incluyente.” Disponível em: <<http://www.etnoecologica.com.mx>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

Figura 1 – Victor M. Toledo (1º) e Marcio D’Olne Campos (3º) durante o “I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia” (Feira de Santana, Bahia, Brasil, 1996)



Fonte: arquivo pessoal.

194

Antes disso, em 1994, ocorreu o encontro agradável que marcou e desenvolveu definitivamente minhas relações com o México. Como já mencionado, chegavam então Patricia Ponce e Mariano Baez para o Doutorado na Unicamp acompanhados de sua filha Mariana.

Patricia passou a ser orientada por Ana Maria Meregalli Goldani na área Família e Relações de Gênero, coordenada por Mariza Correa. Sua co-orientadora era Alícia Castellanos Guerrero, da Universidad Autónoma Metropolitana (DF, México). A tese de doutorado de Patrícia foi defendida em 17 de agosto de 2000 sob o título *Trabalho, Poder e Sexualidade. Histórias, Valorações e Percepções femininas. Um Estudo de Caso na Costa Veracruzana, México* (2000).⁸ Tive o grande prazer de – em boas companhias – integrar a ban-

8 Mais informações no artigo elaborado por Martha Patricia Ponce Jiménez, a partir de sua pesquisa, intitulado *Trabalho, Poder e Sexualidade: histórias e valores femininos* (1995).

ca examinadora assim composta: Ana Maria Meregalli Goldani, Cynthia Andersen Sarti, Maria do Carmo Fonseca, Maria Suely Kofes e Marcio D’Olne Campos. Segue seu resumo do trabalho:

O objetivo central da pesquisa é mostrar o significado do trabalho, do amor e da sexualidade na vida de um grupo de moradores do litoral do Golfo mexicano. Me aproximei, através das histórias de vida, ao estudo das normas, valores e práticas culturais que subjazem à formação da subjetividade. Embora a ênfase esteja na condição feminina, considere importante apreender a vida social em seu conjunto, ver as mulheres e os homens como partes integrantes de um todo social centrado a análise em como se constroem socialmente as diferenças entre os gêneros. (Ponce Jiménez, 2000, online).

Patricia continua atuando e investigando os temas gênero, sexualidades e HIV no Estado de Veracruz, inclusive com populações indígenas. É pesquisadora no Ciesas-Golfo. Sua tese foi publicada em livro sob o título *Sexualidades costeñas. Un pueblo veracruzano entre el río y la mar* (2006).

Já Mariano teve Carlos Rodrigues Brandão como orientador na área de “Estudos Rurais”, coordenada por Maria de Nazareth Baudel Wanderley. Sua tese foi defendida em 18 de outubro de 2000 sob o título *Antropologia aplicada e os ‘outros’ no México: experiência disciplinar e prática social*. Sua banca examinadora foi composta por Carlos Rodrigues Brandão, Emília Pietrafesa de Godoy, Sylvia Leser de Mello, Oscar Calavia Saez e nosso saudoso John Manuel Monteiro.⁹ A seguir o resumo da tese:

195

9 Oscar Calavia Saez é antropólogo nascido em La Rioja (Espanha), vive no Brasil desde 1986 e trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). *Café Kabul* é seu blog, cuja última publicação é de novembro de 2015, disponível em: <https://www.blogger.com/profile/09677253142540494530>. Acesso em: 17 jul. 2021. John Manuel Monteiro é lembrado pela amiga Maria Regina Celestino de Almeida no artigo *John Manuel Monteiro (1956-2013): um legado inestimável para a Historiografia* (2013).

Esta tese de doutorado pretende contribuir na expansão dos conteúdos e da discussão sobre o papel desempenhado pelas ciências sociais e, em particular, pela antropologia, nas políticas indigenistas dos países de América Latina. Aliás, tem maior interesse no resgate de um universo de experiências levadas a cabo pelos atores que participaram da aplicação concreta dessas políticas. Trabalha com análise de trajetórias profissionais no campo acadêmico do México e depoimentos dos trabalhadores indigenistas de três áreas indígenas no estado de Veracruz. A ideia central do trabalho é que a experiência disciplinar da antropologia acadêmica mexicana não reconhece nem incorpora a prática social desenvolvida pelos chamados trabalhadores indigenistas, como um resultado disso a disciplina fragmenta-se em campos de alteridade mutuamente excludentes e referenciados a relações racistas entre brancos e índios. (Baez Landa, 2000, online).

196

Cabe notar que, desde 2001, Mariano é pesquisador no Ciesas-Golfo, além de coordenar o “Taller Miradas Antropológicas”, cujo eixo fundamental é a interface entre antropologia e multimeios.

Mariano tem realizado pesquisas com ênfase em estudos rurais, indigenismo, avaliação de políticas sociais, relações interculturais e antropologia visual, assim como sobre a prática social da antropologia mexicana no campo do indigenismo e do desenvolvimento rural. Ultimamente, vem se dedicando à antropologia visual, tendo realizado seu último ano sabático, em 2016, na Universidade Federal de Goiás, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

Antes de mencionar o resultado de um importante incentivo de Mariano para que eu publicasse um texto sobre o termo *SULear* (*vs* *NORTEar*) em castelhano, ou seja, *SURear*, consideremos o uso desse termo em algumas outras línguas. *SULear* está associado à ideia de que os que vivem no Sul do Planeta devem tornar contextualizadas, no Hemisfério Sul, as suas formas de uso do espaço e de orientação espacial. Poderíamos ressignificar, por

exemplo, o termo SULear por versões correspondentes às línguas português, espanhol, inglês e francês, na sequência SULear/SULear/SOUTHing/SUDir. Para o Hemisfério Norte, sugerimos os termos conhecidos: NORTEar/NORTEar/NORTHing/NORDir. Note-se que algumas dessas palavras, especialmente a francesa, são mais especializadas para a navegação, embora aqui procuremos transportá-las para as antinomias relativas às tensões entre as oposições colonialidade/decolonialidade discutidas também na Proposta SULear.

Por volta de 2009, Mariano me incentivou para que publicasse uma discussão da Proposta SULear, de cunho decolonial, que criei em 1991 e que foi referida por Paulo Freire no livro *Pedagogia da Esperança* (1992). O capítulo foi publicado em uma “obra colectiva” coordenada pela cientista política Xochitl Leyva Solano, pesquisadora do Ciesas-Sureste (Chiapas, MX), intitulada *Prácticas otras de conocimiento(s). Entre crisis, entre guerras Tomo II* (2018). Finalmente, publicamos respectivamente dois capítulos: “SURear, NORTEar y ORIENTar: puntos de vista desde los hemisferios, la hegemonía y los indígenas” (Campos, 2015) e “Por una antropología tropical. Ciencia, subjetividad, ética y responsabilidad social” (Baez 2015).

No período posterior à chegada dos dois amigos em 1994, Roberto Cardoso de Oliveira ministrava a disciplina “Seminários de Metodologia em Ciências Sociais” e recomendou que Mariano se inscrevesse nas disciplinas oferecidas por mim e por Suely Kofes que eram provável e respectivamente: “HS-123 - Tópicos Especiais em Antropologia III” e questões sobre “Estudos de Gênero”. Essas disciplinas foram oferecidas a partir das áreas de “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber (IIES)” e “Família e Relações de Gênero”.

A disciplina que nosso amigo cursou comigo deve ter ocorrido no segundo semestre de 1994, na qual eu discutia questões ligadas

aos saberes, técnicas e práticas de pescadores e indígenas, sobretudo envolvendo as relações céu-terra, tempo, espaço e temporalidades na sua relação com a organização social e o ambiente.¹⁰ Nessa década de 90, começamos com uma troca de ideias em torno da noção e do neologismo SUEar (SUEar em castelhano) na antinomia SUEar *vs.* NORTEar, na qual estabelecemos uma colaboração mais intensa hoje em dia¹¹ (Campos 1991, 1997, 2015).

Sobre o termo SUEar, achei interessantíssima e sugestiva a informação trazida por Mariano de que no México, em linguagem popular, existe o termo norteadado, cujo significado é “1. adj. vulg. Méx. Desorientado, perdido” (Diccionario de la lengua española, 2003).

Poderíamos pensar as antinomias no formalismo matemático das razões e proporções como ‘Norte : Sul :: alto : baixo’ associadas às conotações superior/inferior, em que a noção de SUEar se estende mesmo ao Hemisfério Norte, onde existem problemas de desigualdade entre dominantes e populações que vivem em condição subalterna. As implicações são inúmeras e nos levam, por exemplo, a discussões sobre colonialidade (Quijano, 2000), controle cultural (Bonfil, 1991), e mesmo a considerar antropologias não-hegemônicas surgidas de críticas iniciadas por volta dos anos 1970. Num texto recente, no qual a discussão se apresenta

10 Muitas dessas discussões se referiam a pescadores (caiçaras) da Ilha dos Búzios (SP) e indígenas Kuikuru - MT e Kayapó - PA. A esse respeito cf. Campos (1982, 2006) e Franchetto e Campos (1987). Desde o início dos anos 1980, eu vinha trabalhando sobre os saberes locais referidos às relações céu-terra e analisando os registros trazidos do campo no “estar aqui” da academia na perspectiva da etnoastronomia.

11 Em 1991 e 1997, publiquei minhas primeiras discussões sobre a noção SUEar em oposição a NORTEar. Além do aspecto ligado a influências indesejáveis do Norte sobre o Sul na orientação espacial e suas consequências ideológicas, essa discussão se fortalece de argumentos geopolíticos e se aproxima das discussões em torno da antinomia colonialidade/decolonialidade, numa intensa investida nossa (minha juntamente com minha esposa, Maria Madalena Mattos Pontes, e com Mariano Baez) sobre a qual me deterei adiante.

já em seu título, *Por que SULear? Astronomias do Sul e culturas locais* (Campos, 2016), citei uma interessante consideração presente em um texto de Baez que explicita muito bem os aspectos gerais que transcendem a simples divisão cartográfica dos dois Hemisférios, e salienta a importância geopolítica e ideológica da proposta SULear:

El SUR no es solo un referente histórico y geográfico, puede convertirse en una interface de tipo epistémico que ayude a construir lugares simbólicos de relaciones sociales, interculturales, simétricas y emancipatorias dentro de la diversidad humana. De alguna forma, construir ese SUR, evitando cualquier tipo de hegemonía y relaciones de poder, implica pensar una plataforma transétnica, transfronteriza, transcultural y abierta a toda la diversidad humana. Pensamos un SUR que no sólo ubica pueblos enteros geográficamente, sino que engloba también aquellos que viven una condición subalterna dentro del propio hemisferio norte. (Baez, 2016 *apud* Campos, 2016, p. 216).

199

O México integra a equipe da Proposta SULear com outros dois amigos mexicanos da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, os quais, como eu, têm interesse na antropologia dos hábitos alimentares e trabalham com memória e imagem.¹² São eles Verónica Vázquez Valdez e Iván Deance Bravo y Troncoso.

Com seus vários contatos no Brasil e outros projetos, tem havido múltiplas vindas de Mariano ao Rio de Janeiro, sendo ele sempre acolhido por Madalena e eu, em nossa casa, com grande prazer. Como sempre tive fortes referências do Rio de Janeiro, além de familiares, pois foi onde morei e estudei, tivemos várias oportunidades de nos encontrarmos para as mais diversas ativida-

12 Sobre a Equipe da Proposta SULear, consultar: <https://sulear.com.br/beta3/marcio-dolne-campos/>. Consultas sobre os trabalhos de Verónica e Iván podem ser feitas nos recursos das redes sociais seguintes: www.imagenymemoria.buap.mx, <https://www.facebook.com/imagenymemoria/> e no Instagram @imagenymemoria.

des, tanto profissionais como de lazer, sempre com direito a boa comida e bebida. Uma delas foi num memorável réveillon no Rio de Janeiro, em 1995, quando estivemos juntos na casa de amigos assistindo, na praia, o espetáculo de fogos da passagem do ano.

Fomos também para Curitiba – PR em junho de 1996, e me lembro particularmente de uma agradável visita à Universidade Livre do Meio Ambiente (Ulma),¹³ onde estivemos com nossa amiga saudosa e querida, Zanza,¹⁴ que também seguia em seu doutorado na mesma área de Patricia, orientada por Mariza Correa. Foi um passeio que deixou saudade.

Figura 2 – Mariano e Patricia na Universidade Livre do Meio Ambiente, Curitiba, PR, Brasil



Fonte: arquivo pessoal.

13 A Universidade Livre do Meio Ambiente foi criada em 1992 e está localizada no Bosque Zaninelli, onde existia uma antiga pedreira. Informações disponíveis em: <https://unilivre.org.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

14 Zanza – Rosângela Digiovani –, antropóloga paranaense da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por quem tínhamos forte amizade, e que, aos 59 anos, infelizmente, nos disse adeus em 23 de maio de 2014, após um sofrimento de vários meses.

Em 2008, Mariano desenvolveu seu ano sabático frequentando o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MNFRJ). Foi um ano de intensa convivência entre Madalena Mattos Pontes¹⁵ e eu com o casal mexicano, com algumas idas ao Mercado das Flores (Cadeg) em Benfica, sobretudo na animada festa da colônia portuguesa que ocorre aos sábados, a partir do meio-dia, quando fizemos intensos “trabalhos de campo” no bar Cantinho das Concertinas, ouvindo e dançando a música dos Amigos do Alto Minho.

Figura 3 - Canto das Concertinas, Cadeg, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2008. Da esquerda para a direita: Patricia, Marcio, Mariano



Fonte: arquivo pessoal.

15 Maria Madalena Mattos Pontes, minha esposa, é nutricionista com mestrado em engenharia de alimentos. Em Rio Novo (MG), sua terra natal, estamos desenvolvendo um projeto de cunho etnográfico sobre descendentes de italianos, em particular os fabricantes de queijos *mozzarella* e *caciocavallo*.

Figura 4 - Canto das Concertinas, Cadeg, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2008. Da esquerda para a direita: Mariano, Patricia e Madalena



Fonte: arquivo pessoal.

Durante esse período, o antropólogo e amigo Marco Antonio da Silva Mello, coordenador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro), promoveu uma tarde de três palestras proferidas por Mariano e Patricia, juntamente com outra proferida por nossa amiga Ana María Gorosito Kramer, antropóloga na Universidad Nacional de Misiones (PPAS/UNaM, Misiones, Argentina). Foi uma tarde de atividade intensa, com frutíferos debates no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFICS/UFRJ).¹⁶ Abaixo (Figura 5), o cartaz desse evento:

16 O site do LeMetro está disponível em: <<https://www.lemetro.com.br>>. O cartaz das conferências pode ser visto em: LeMetro/IFICS/UFRJ. Relatório de Atividades 15 Anos (2004-2019), p. 10. 1. Conferências e Palestras: Convidados

Figura 5 – Conferências de Mariano Báez e
Patricia Ponce em 2008 na UFRJ

LeMetro

Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Laboratório de Etnografia Metropolitana
Coordenado pelo Prof. Marco Antônio da Silva Mello

CONVIDA:

CONFERÊNCIAS

Data: 07/11/2008 (SEXTA-FEIRA)

Horário: 14 HORAS

Local: LeMetro/IFCS/UFRJ

SALA 417

"Juventude indígena maya.

Desafios contemporâneos da antropologia aplicada no México."

Mariano Báez Landa

Taller Miradas Antropológicas,

Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social -
CIESAS Golfo, México

"HIV-AIDS e políticas públicas no México"

Patricia Ponce Jiménez

Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social -
CIESAS Golfo, México

"Conflitos ambientais:

a situação contemporânea dos Guarani em Misiones, Argentina"

Ana María Gorosito Kramer

Programa de Posgrado en Antropología Social,
Universidad Nacional de Misiones - PPAS/UNaM, Argentina

LeMetro – IFCS – UFRJ

Largo de São Francisco, 1 – Sala 417 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – 20051-070

Tel/Fax: (00-55-21) 2242-8407

(00-55-21) 2252-9022/24 Sinal 402

E-mail: lemetro417@yahoo.com.br

<http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro>

203

Fonte: Laboratório de Etnografia Metropolitana.
Relatório de Atividades - 15 anos (2004–2019).

Nacionais e Internacionais. Conferências de Mariano Baéz Landa, Patricia Ponce Jiménez, Ana Maria Gorosito Kramer, 7 de novembro de 2018. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5d38e623b83acd0001723688/t/5ef27b0f63a3b43abf3a4c47/1592949541150/Relat%C3%B3rio+LeMetro+1++E-ventos+LeMetro.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Prosseguindo em nosso leitmotiv, retrocedêsemos uns dez anos para finalmente relatar a minha feliz, proveitosa e amiga estadia, marcadamente na cidade e província do mesmo nome Veracruz, muito bem hospedado na casa de meus amigos em Xalapa.

Foi em agosto de 1997 que cheguei à Ciudad de México, indo direto de ônibus para Xalapa, capital do estado de Veracruz. Logo fui alegremente ambientando-me e fascinando-me com a alegria das cores e da música presentes por toda parte.

Chegando à Xalapa, surpreendi-me fascinado com a instalação, sobre uma pequena mesa, de algo que se poderia chamar tranquilamente de um altar elaborado por Patricia e conservado por alguns dias em decorrência do aniversário de seu pai, já falecido, que fora comemorado dias antes. Os detalhes de carinho muito me impressionaram. A foto de seu pai cercada de frutas e guloseimas preferidas, objetos da memória... e o colorido mexicano. Adorável!

204 Como, infelizmente, não guardei, ou não encontrei, a foto de outros tempos, nos quais não se tinha um smartphone à mão, recolhi a Figura 6, relativa ao dia dos mortos no México, que muito me remeteu à emoção vivenciada por mim na homenagem ao pai de Patricia.

Figura 6 - “Día de muertos... Tradición Mexicana”¹⁷



Fonte: Oblatas da Assunção (blog).

205

Minha presença com os amigos, com quem os laços de amizade se completavam também por relações profissionais, deram-me a honra de assumir, nessa viagem, duas atividades profissionais em Xalapa.

Entre os dias 18 e 20 de agosto de 1997, realizou-se, no Jardim Botânico de Xalapa, no Instituto de Ecologia, um seminário sob o título *El Desarrollo Sostenible: Retos y perspectivas del siglo XXI*,

17 “Día de muertos... Tradición Mexicana!”. Oblatas da Assunção (blog). Disponível em: <https://oblatasassuncao.wordpress.com/?s=dia+de+los+muertos>. Acesso em: 17 jul. 2021.

para o qual fui convidado pelo organizador Benjamin F. Ortiz-Espejel, que tive o prazer de conhecer no Brasil. Lá estava também o eminente Enrique Leff e, para meu grande contentamento, o amigo, já referido, Victor Manuel Toledo, que nos brindou com sua experiência e sabedoria na conferência *Del poder de la conciencia y la conciencia del poder: una estrategia para operativisar el desarrollo sustentable*.

No evento, integrei uma mesa redonda em companhia de Mariano Baez e ofereci, no dia 20 de agosto, uma conferência intitulada *Tiempos tecnológicos, tiempos tradicionales. Competencia de ritmos entre el ser humano y el medio ambiente*.

Um evento anedótico, durante a minha fala, merece ser aqui lembrado. Por um momento, discutia algo em torno do termo SULEar, procurando – naquela época sem as tecnologias atuais – mostrar por meio de uma transparência no retroprojeto um mapa das Américas bem ao estilo do uruguaio Joaquín Torres Garcia, como o da Figura 7, onde o texto que se superpõe ao mapa propriamente dito se colocou em coerência com o fato de a ponta da América do Sul estar apontando para cima. Aconteceu o que já era esperado. O gentil colega que passava as transparências girou esta transparência inúmeras vezes sobre o vidro do retroprojeto até se convencer de que este mapa contrariava todas as convenções cartográficas geralmente conhecidas, tendo o texto dos nomes dos países que podia ser lido normalmente de cima para baixo a partir da ponta sul da América do Sul.

Figura 7 - “Nosso Norte é o Sul”: Mapa invertido de Joaquín Torres Garcia



207

Fonte: Torres-Garcia, 1992.

Foram cerca de 15 curtíssimos dias no México e, na semana seguinte, ofereci a convite do Ciesas-Golfo, ao longo de três dias, um *Seminario de Actualización* sob o título *Antropología y medio ambiente: cotidianos y lugares del saber y del hacer*. Sei que além do casal amigo e hospedeiro Patricia e Mariano, estiveram presentes cerca de dez pessoas, dentre elas Blanca Rebeca Noriega Orozco, que trabalha no Centro de Investigación en Alimentación Y Desarrollo (CIAD) em Hermosillo (Sonora, MX). Com Rebeca, tive o prazer de trocar algumas ideias sobre nosso interesse comum sobre alimentação e agricultura sustentável. Pelo meu interesse

antropológico, prefiro referir-me à comida,¹⁸ cujo termo traz a carga cultural complementar à simples ideia de alimento, que está mais para a fome simplesmente no sentido de estar bem nutrido. Nesse aspecto, destacou-se no Brasil o geógrafo Josué de Castro, no seu livro *A Geografia da Fome*, lançado em 1946. Por oposição a esse recorte, o folclorista brasileiro Luis da Câmara Cascudo (2004) prioriza em suas discussões o termo paladar e não fome.

Procuramos, num telefonema e esforço de memória, nos lembrarmos dos colegas que participaram do seminário de 1997. Recordamo-nos de alguns, tais como: Yvonne Flores, Narciso Bassols, Luísa Pare, Felipe Vázquez.

Rebeca brindou-me com uma cópia antiga em PDF da proposta do curso que, agradecido, transcrevo abaixo:

“Antropologia e Meio Ambiente: cotidianos e lugares do saber e fazer”

Prof. Marcio D’Olne Campos

CIESAS–Golfo, Xalapa, Veracruz, Mexico, agosto de 1997

Esse curso trata de representações e práticas cotidianas em tomo das relações homem-natureza, tanto no estudo de sociedades tradicionais (indígena e caiçara), quanto no contexto urbano/rural.

Numa perspectiva etnográfica e interdisciplinar serão abordados modos de saber, de fazer e de usar: classificar, aprovisionar, processar, alimentar, habitar, orientar e deslocar. Práticas habituais em contextos tradicionais, modificam-se em vista de processos rápidos de deslocamento e comunicação próprios do mundo moderno, gerando temáticas de interesse para esse curso. Como exemplos, tem-se, por um lado, duas ‘leituras’ entre pontos de um itinerário segundo o meio de transporte – um percurso de ônibus ou uma “transição” de avião ou metrô. Por outro, pode ocorrer a reestruturação de contextos locais de interação social através do extensões indefinidas do tempo e espaço.

18 Ver, por exemplo, “Sobre comidas e mulheres” em Roberto Da Matta (1984).

O curso será acompanhado de exercícios etnográficos pelos alunos em seus próprios cotidianos e lugares.

Completando o ciclo de Xalapa, saímos estrada a fora, durante um fim de semana, em direção à Veracruz e às pirâmides de El Tajin.

Na ida, paramos em um restaurante de caminhoneiros, onde almoçamos um delicioso peixe. Como não podia deixar de acontecer, enquanto meus amigos mexicanos o saboreavam, percebi algumas finas rodela de pimenta sobre o peixe, que saia do forno envelopado em papel de alumínio. Minha surpresa na primeira garfada foi insuportável, pois a pimenta ardia como nunca na minha vida. A dona do restaurante, extremamente simpática, imediatamente providenciou um “peixe para não-mexicanos”, que foi saboreado com extremo prazer.

A visita a El Tajin foi extremamente interessante, mas não vou entrar aqui em detalhes, pois minha memória não anda assim tão boa e, como se diz no Brasil, não vou aqui “chover no molhado” escrevendo sobre El Tajin para mexicanos – embora escreva também pensando que alguns de meus compatriotas poderiam se interessar por alguns destes meus relatos.

O que, de fato, muito me agradou e impressionou, foi a passagem por Veracruz e Boca del Rio. Esta última é a localidade onde Patrícia Ponce tem dedicado grande parte de seu trabalho com as populações locais sobre sexualidade e suas preocupações com os graves problemas relativos ao HIV.

À noite, presenciei um espetáculo lindíssimo e emocionante. Creio que era um domingo, fim da tarde, e mulheres bem-vestidas de branco acompanhadas de homens em trajes de domingo bailavam o *danzon*, lembrando-me com muito prazer o grande Augustin Lara na bela *Plaza de las Armas* de Veracruz.¹⁹

19 Sem tanta pompa como na apresentação que assisti, o vídeo *Danzón en Plaza de las Armas, puerto de Veracruz* dá uma ideia da beleza que é. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CXu_Jff53EE. Acesso em: 20 dez 2016.

De volta à Xalapa, e com a saudades desses dias e dos queridos amigos apertando, parti para curtos dois ou três dias na Capital Federal. Perambulei um pouco pelas belezas da cidade do México e fiz pelo menos duas visitas fundamentais: uma ao Museu Frida Kahlo, casa onde Frida viveu por muitos anos com seu marido, Diego Rivera, até falecer. A outra foi ao magnífico Museo Nacional de Antropología. Com chave de ouro, a minha visita à Cidade do México foi completada com o convite da ilustre antropóloga e amiga Teresa Rojas Rabiela que, com extrema gentileza, ciceroneou-me com direito a agradáveis conversas e paradas pelo badalado e bonito bairro artístico e boêmio de Coyoacan.

O prazer veracruzano que senti nas semanas anteriores traduz-se muito bem nas interpretações de Toña la Negra e Augustin Lara.²⁰ Aquelas lembranças unem-se a esses dias coroados pela bonita tarde no passeio por Coyoacan com Teresa Rojas e deixam bem-marcado em mim o desejo de retornar a essa cidade e a esse país de tantas fascinações.

Voltando às motivações contínuas de trabalho na colaboração Brasil-México e nos interesses mútuos que a proposta SULEar/Surear tem suscitado, quero marcar que pertença à Comissão editorial da *Revista Interdisciplinar Sulear* (RIS), na qual publicamos, em 2019, o Dossiê Sulear, que conta com um artigo de Mariano Baez. Dentro da vontade de intensificar – inspirados por Guillermo Bonfil e Roberto Cardoso de Oliveira – essa colaboração BR-MX, já tivemos o prazer da aceitação de participarem do Conselho Editorial Internacional as nossas ilustres amigadas Teresa Rojas e o amigo da BUAP (Puebla, MX), Iván Deance Bravo y Troncoso.

20 Toña la Negra - “Veracruz” (Augustín Lara). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3t6Zf8V-HI>. Augustín Lara - “Veracruz” (Augustín Lara). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s-c_p6J9u_g.

Devo salientar que, com Veronica Valdez e Iván Deance, já temos trocado algumas ideias sobre a relação entre imigrantes italianos radicados no México e no Brasil e o estudo da forma como se constituem as tradições, sobretudo dos hábitos alimentares, entre a Itália e os polos de imigração nas Américas. Inclusive, disponho no momento de dois textos, respectivamente de Veronica e Iván, sobre Chipilo (Puebla, MX), e de Madalena e meu, sobre Venda Nova do Imigrante (ES) e Rio Novo (MG), para serem publicados.

Sigamos em frente / *Vamos adelante*

Hoje cedo, deparei-me com a reflexão do brilhantemente crítico cientista político Nildo Domingues Ouriques, que preside o Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina (Iela/UFSC). Em particular, Nildo se refere a terem incendiado, na sexta-feira 24 de julho de 2021, a estátua do bandeirante Borba Gato, famoso opressor e escravizador de índios e negros no Brasil do século XVIII. Esse incêndio ocorreu no mesmo dia em que todo o país se manifestava contra o atual presidente, considerado genocida pela conduta adotada diante da pandemia de Covid-19.

Quando as estátuas se movem²¹

Nildo Ouriques, 26 de Julho de 2021.

O encanto e a perplexidade no contato com a cultura e a política no México, creio, é comum a todo aquele que visita o país latino-americano do norte. No meu caso, a perplexidade era maior que o encanto pois em contraste com nossa tradição política orientada meticulosamente pela ideologia dominante – a ideologia da classe dominante – lá não é possível participar

21 O texto se encontra disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/quando-estatuas-se-movem>.

da política sem conhecimento da História. Portanto, meu espanto tinha raízes que desconhecia: a ignorância acumulada sobre a história nacional brasileira. No México, de estações do metrô a ruas e bairros – sem falar em cidades – quase tudo leva nome de rebeldes e revolucionários. Uma das principais avenidas do país se chama *Revolución*. A estação de metrô na linha que com frequência utilizava, *Zapata*. Outra mais adiante, *División del Norte*, homenagem a Pancho Vila. Por toda parte é possível ver monumentos e museus, sem falar no muralismo de Diego Rivera, Siqueiros, Orozco onde arte, revolução e História estão em perfeita comunhão.

[...]

A reflexão anterior surgiu a propósito da queima de uma estátua em São Paulo no fim de semana. No Brasil, a política se faz sem o recurso à nossa rica história nacional. Na prática, se faz ignorando a história nacional. Por isso, talvez, é mais fácil queimar estatuas do que fazê-las caminhar.

212 Ao mesmo tempo, pensei em uma legítima representante do México, Lila Downs, e no seu manifesto *Zapata se queda*, inspirado no assassinato, em 10 de abril de 1919, de Emiliano “*Caudillo del Sur*” Zapata, símbolo da resistência camponesa no México. Downs homenageia Zapata, a Revolução Mexicana e o misticismo.²²

Sobre Zapata ser um “*Caudillo del Sur*”, lembremos que Mariano foi citado anteriormente em castelhano e parte dessa citação segue agora em português: “Pensamos em um SUL que não apenas localiza geograficamente povos inteiros, mas também inclui aqueles que vivem em condição subalterna dentro do próprio Hemisfério Norte” (Baez, 2016 *apud* Campos, 2016, p. 216). Diante desse argumento, parece não haver contradição em Zapata, no México, ser um “*Caudillo del Sur*”.

22 Lila Downs – “Zapata Se Queda” com Lila Downs, Celso Piña y Totó la Momposina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beuRglqxTnY>. Sobre essa produção, ver detalhes disponíveis em: https://es.wikipedia.org/wiki/Zapata_se_queda.

Zapata Se Queda

Lila Downs / Paul Cohen

Son las tres de la mañana
Dicen que pena un santito
Bajito yo oigo que dice
“Camínale despacito” ¡ay, mamá!
“Camínale despacito”

Mi sueño me dice “¡no vayas!”
Mis piernas me dicen “tantito”
Y cuando ya me doy cuenta ¡caramba!
Me muevo poco a poquito ¡ay, mamá!
Me muevo poco a poquito

Serás tú, Zapata
El que escucho aquí
Con tu luz perpetua
Que en tus ojos vi

En mi mente se oye
Que me dice así
En mi mente se oye
Que me dice así

Por la sombra de la ceiba
Se escuchó un disparo
Y cayó un gallo negro
Por la calle de milagros

Si tú dices que me quieres
Con el todo al todo
Y te vas tú conmigo
Levantamos polvo

¡Ay, ay, ay, ay!
Cuando sueño contigo
Se dibuja el sereno
Por todo mi camino
¡Ay, ay, ay, ay!
Cuando sueño contigo
No hay ni miedo ni duda
Sobre mi destino

¡Epa, mi señor del rayo!
Pa' Zapata
(Gozalo, gozalo, gozalo)

Del sur pa'l norte
Y del norte pa'l sur
Celso Piña
Y Totó la Momposina

214

Son las tres de la mañana
Dicen que pena un santito
Bajito yo oigo que dice
“Camínale despacito” ¡ay, mamá!
“Camínale despacito”

Mi sueño me dice “¡no vayas!”
Mis piernas me dicen “tantito”
Y cuando ya me doy cuenta ¡caramba!
Me muevo poco a poquito ¡ay, mamá!
Me muevo poco a poquito

Serás tú, Zapata
El que escucho aquí
Con tu luz perpetua
Que en tus ojos vi

En mi mente se oye
Que me dice así
Que en mi mente se oye
Que me dice así

Por la sombra de la ceiba
Se escucha un disparo
Y cayó un gallo negro
Por la calle de milagros

Si tú dices que me quieres
Con el todo al todo
Y te vas tú conmigo
Levantamos polvo

¡Ay, ay, ay, ay!
Cuando sueño contigo
Se dibuja el sereno
Por todo mi camino

¡Ay, ay, ay, ay!
Cuando sueño contigo
No hay ni miedo ni duda
Sobre mi destino

¡Ay!
Si no bailas, no gozas
Si no gozas, no comes

¡Ay!
¡Ay!

Referências

ACOSTA, Virginia García; CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Diálogos México-Brasil. *Anuário Antropológico* [online], Brasília, v. 37, n. 1, p. 9-12, 2012. Disponível em: <http://aa.revues.org/248>. Acesso em: 17 jul. 2021.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. John Manuel Monteiro (1956-2013): um legado inestimável para a Historiografia. *Memória*, Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 399-403, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882013000100017. Acesso em: 17 jul. 2021.

216 BAEZ LANDA, Mariano. *Antropologia aplicada e os 'outros' no México: experiência disciplinar e prática social*. 2000. 249 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_750af0b4190695086396986105ab2f2d. Acesso em: 17 jul. 2021.

BAEZ LANDA, Mariano. Por una antropología tropical. Ciencia, subjetividad, ética y responsabilidad social. In: LEYVA, Xochitl et al. (org.). *Prácticas otras de conocimiento(s)*. Entre crisis, entre guerras. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Chiapas: Cooperativa Editorial Retos; Lima: Programa Democracia y Transformación Global (PDTG); Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA); La Habana: Talleres Paradigmas Emancipatorios-Galfisa; Coimbra: Proyecto Alice - Espejos Extraños, Lecciones Insospechadas; Guadalajara: Taller Editorial La Casa del Mago, 2015. p. 459- 481. Tomo II, ebook. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180515110853/Practicas_Otras_2.pdf. Acesso em: 17 jul. 2021.

BAEZ LANDA, Mariano. Buscando Un SUR Epistémico. Propuestas para GT-CLACSO - Experiencias de Frontera. Contextos social, político y epistemológico. Bogotá, (mimeo), 2016 *apud* CAMPOS, M. D. Por que SULEar? Astronomias do Sul e culturas locais. In: Priscila Faulhaber, Luiz C. Borges (org.). Perspectivas Etnográficas e Históricas sobre as Astronomias, Anais do IV Encontro Anual da SIAC. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2016, p. 215-240.

BAEZ LANDA, Mariano. SUREando al Norte, migraciones mexico-centroamericanas re-colonizando el Gabacho. *Revista Interdisciplinaria Sulear*, Dossiê Sulear, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, set. 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/issue/view/277/110>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BONFIL, Guillermo. La teoría del control cultural en el estudio de procesos étnicos. *Estudios sobre las Culturas Contemporaneas*, Universidad de Colima, México, v. IV, n. 12, p. 165-204, 1991. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31641209>. Acesso em: 3 dez. 2012.

BRAGANÇA, Maurício de. Registros documentais no cinema da Revolução Mexicana, *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 144-160, 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/his/v26n2/a08v26n2.pdf. Acesso em: 3 dez. 2012.

CAMPOS, Marcio D’Olne. Saber mágico, Saber Empírico e outros Saberes na Ilha dos Búzios. In: EULALIO, A. (org.). *Caminhos Cruzados, Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 23-32.

CAMPOS, Marcio D’Olne. A Arte de SULEar-se I, A Arte de SULEar-se II. In: SCHEINER, T. (Coord.). *Interação museu-*

comunidade para a educação ambiental. Rio de Janeiro: UNirio/Tacnet Cultural, 1991. p. 56-91 (mimeo). Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-1991A.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

CAMPOS, Marcio D’Olné. *SULear vs. NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia*. *Série Documenta*, ano VI, n. 8, p. 41-70. Rio de Janeiro: EICOS/Cátedra UNESCO, 1997.

CAMPOS, Marcio D’Olné. *SURear, NORTEar Y ORIENTar: Puntos de vista desde los hemisferios, la hegemonía y los Indígenas*. In: XÓCHITL Leyva *et al.* (org.). *Prácticas Otras de Conocimiento(s): Entre crisis, entre guerras*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Chiapas: Cooperativa Editorial Retos; Lima: Programa Democracia y Transformación Global (PDTG); Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA); La Habana: Talleres Paradigmas Emancipatorios-Galfisa; Coimbra: Proyecto Alice - Espejos Extraños, Lecciones Insospechadas; Guadalajara: Taller Editorial La Casa del Mago, 2015. p. 433-458. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180515110853/Practicas_Otras_2.pdf. Acesso em 17 jul. 2021.

218

CAMPOS, Marcio D’Olné. *Por que SULear? Astronomias do Sul e culturas locais*. In: FAULHABER, P.; BORGES, L. C. (org.). *Perspectivas Etnográficas e Históricas sobre as Astronomias*. In: ENCONTRO ANUAL DA SIAC, IV., Rio de Janeiro, 2016. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2016. p. 215-240. Disponível em: http://www.mast.br/publicacoes_do_mast.html#letra_p. Acesso em: 1º nov. 2016.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil)

DA MATTA, Roberto. Sobre comidas e mulheres. In: *O que faz do brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. 22ª edición. Madrid: Real Academia Española y Espasa Calpe, S.A., Edición electrónica V. 1.0, 2003.

ESTEVA-FABREGAT, Claudio. *Estado, etnicidad y biculturalismo*. Barcelona: Península. 1984.

FRANCHETTO, Bruna; CAMPOS, Marcio D’Olne. Kuikuru: Interacción Cielo y Tierra en La Economía y en El Ritual. In: VON HILDEBRAND, E. de; DE GREIFF, J. A. (org.). *Etnoas-tronomias americanas*. Bogotá: Ediciones de la Universidad Nacional de Colombia, 1987. p. 255-266.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GONÇALVES JUNIOR, E. B. A Revolução Mexicana em Tela: Construções do imaginário através do cinema. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA XXXV, 7., Maringá, 2015. *Anais...*, Maringá: EDUEM, 2015. p. 1-13. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

LABORATÓRIO DE ETNOGRAFIA METROPOLITANA. *Relatório de Atividades - 15 anos (2004-2019)*. Coordenação geral Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello (DAC/IFCS-UFRJ). Coordenação executiva Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga (UFF). Rio de Janeiro e Niteroi: [s.a]. Disponível em: <https://static1.squarespace>.

com/static/5d38e623b83acd0001723688/t/5ef27b0f63a3b43abf3a4c47/1592949541150/Relat%C3%B3rio+LeMetro+1+-+Eventos+LeMetro.pdf. Acesso em: 2 jan. 2022.

LEYVA, Xochitl *et al.* *Prácticas otras de conocimiento(s): Entre crisis, entre guerras.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Chiapas: Cooperativa Editorial Retos; Lima: Programa Democracia y Transformación Global (PDTG); Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA); La Habana: Talleres Paradigmas Emancipatorios-Galfisa; Coimbra: Proyecto Alice - Espejos Extraños, Lecciones Insospechadas; Guadalajara: Taller Editorial La Casa del Mago, 2018. Tomo II, ebook. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180515110853/Practicas_Otras_2.pdf. Acesso em: 17 jul. 2021.

220 PONCE JIMÉNEZ, Martha Patricia. *Trabalho, poder e sexualidade, histórias, valorações e percepções feminina: um estudo de caso na costa Veracruzana, México.* 2000. 418 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_3a3fac91f5cea898ed0fede96140e9a1. Acesso em: 17 jul. 2021.

PONCE JIMENEZ, Patrícia, *Sexualidades costeñas: Un pueblo veracruzano entre el río y la mar.* México: CIESAS, 2006.

PONCE JIMÉNEZ, Martha Patricia. Trabalho, Poder e Sexualidade: histórias e valores femininos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 201-276, 1995. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51058&opt=4>. Acesso em: 17 jul. 2021.

PONCE JIMÉNEZ, Martha Patricia. *Trabalho, Poder e Sexualidade. Histórias, Valorações e Percepções femininas.* Um Estudo de Caso na

CostaVeracruzana, México. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_3a3fac91f5cea898ed0fed096140e9a1. Acesso em: 17 jul. 2021.

POSEY, Darrell Addison; PLENDERLEITH, Kristina. *Kayapó Ethnoecology and Culture*. London: Routledge, 2002

POSEY, Darrell Addison; PLENDERLEITH, Kristina. *Indigenous Knowledge and Ethics: A Darrell Posey reader*. New York: Routledge, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder: Cultura y conocimiento en América Latina. In: MIGNOLO, Walter (Comp.). *Capitalismo y Geopolítica del Conocimiento: El eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2000. p. 117-131. Disponível em: <http://www.decolonialtranslation.com/espanol/quijano-colonialidad-del-poder.pdf>. Acesso em: 18 dez 2016.

TORRES-GARCIA, Joaquín, The School of the South (Uruguay, February 1935). In: RAMÍREZ, Mari Carmen (Ed.). *El Taller Torres-García: the School of the South and its legacy*. Austin: University of Texas Press, 1992. p 53-57.